

Todos os direitos desta edição reservados aos autores. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de Regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos dos autores (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação e capa

Joselito Miranda

Fotos das pessoas

Revisão A coordenação

Fotos

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Andrade, Patrícia Brunet Carvalho de. (Coord.).

A554t Teatro Atheneu – 70 Anos. /Patrícia Brunet Carvalho de Andrade (Coord.) - Aracaju: ArtNer Comunicação, 2025.

48p.: ll.

ISBN: 978-65-83131-54-6

1. Teatro Atheneu – 70 Anos 2. Teatro Atheneu – Histórias
3. Teatro Atheneu – Linha do tempo 4. Teatro Atheneu - Memórias
I - Título

CDU: 792 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Este projeto foi aprovado por meio da Lei de Incentivo Cultural Paulo Gustavo.

EDITORIA ARTNER

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • artner.com.br

SUMÁRIO

- 7** “Uma obra majestosa”: o Teatro Atheneu e suas sete décadas de histórias
- 13** Thetis Nunes e a materialização de um sonho: a construção do Auditório-Teatro do Colégio Estadual de Sergipe
- 17** Fluxo do Tempo - O Teatro Atheneu em décadas
- 21** O Teatro Atheneu na imprensa
- 27** Os impressos a favor da memória do Teatro Atheneu: temos nas mãos pedaços do tempo.
- 29** Depoimentos
- 37** Memorial do Teatro Sergipano
- 42** Ficha Técnica



APRESENTAÇÃO

Profª Ma. Patricia Brunet Carvalho de Andrade (PPGED/UFS)

Celebrar as sete décadas do Teatro Atheneu é revisitar a história de um palco que se transformou em memória viva, em espaço de resistência cultural e em território de encontro de vozes, corpos e ideias. Quantos artistas passaram por este palco? Incontáveis! Com os 70 anos deste teatro também surge a necessidade de registrar sua memória, preservar e compartilhar as trajetórias que marcaram a arte, a educação, e vida social deste espaço sagrado. Ao longo de suas cortinas abertas, o teatro foi testemunha e protagonista de movimentos artísticos, experimentações estéticas e projetos que formaram plateias e gerações. Por seu palco passaram estudantes, artistas amadores e profissionais, mestres e aprendizes, compondo uma rede de afetos e saberes que ultrapassa o limite físico do prédio e se inscreve na história cultural da cidade de Aracaju.

Este dossiê nasce a partir da pesquisa de Doutorado de Patricia Brunet, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, da Universidade Federal de Sergipe, sob orientação do Professor Dr. João Paulo Gama

Oliveira, que foi consolidado a partir dos recursos provenientes da Lei Paulo Gustavo, via Funcap (Fundação de Cultura e Arte Aperipê).

Nele, reunimos documentos a partir do próprio teatro, assim como do Arquivo Público de Aracaju – APA, além de acervos privados de artistas sergipanos em prol de complementar o dossiê com imagens, depoimentos, análises e narrativas que iluminam a relevância de 70 anos de atividades do Teatro Atheneu e reafirmam o lugar do teatro como farol cultural.

Que cada página possa ecoar o som das vozes que ali ressoaram e reacender, em quem lê, a certeza de que o teatro é, e sempre será, um ato de presença e de permanência. Este dossiê não é apenas celebração — é um convite a revisitar a sua história, personagens e espetáculos que por ele passaram... Que estas páginas mantenham acesa a chama do teatro, lembrando-nos sempre de que a cena é feita de vida, e a vida, de teatro!

VIVA O Teatro Atheneu!
EVOÉ!



"UMA OBRA MAJESTOSA": O TEATRO ATHENEU E SUAS SETE DÉCADAS DE HISTÓRIAS

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira - (PPGED/UFS)

No discurso de inauguração do Auditório-Teatro Atheneu na noite de 28 de março de 1954, Maria Thetis Nunes assim proferiu: “É nossa esperança, que no futuro, aqui poderemos através de grandes intérpretes, ouvir ecoar as vozes de personagens imortais criados por Moliére, Ibsen, Shaw ou Shakespeare”¹. E o futuro aconteceu, ao longo de sete décadas várias vozes foram ouvidas, sentidas e vividas naquele espaço aberto ao público em uma noite festiva que contou com a apresentação do Corpo de Ballet Society, do Rio de Janeiro.

Muitas histórias foram (re) construídas nas centenas de espetáculos, shows, palestras, musicais entre tantas outras faces das artes ali apresentadas. Mas não esqueçamos com qual finalidade o espaço foi criado:

Mestres do antigo Ateneu Pedro II
Juventude do atual Colégio Estadual
de Sergipe.

Sergipanos.

Em nome do Governo do Estado vos faço a entrega do auditório do C.E.S.
Ele é vosso.²

O “vosso” é nosso. De todos/as aqueles/as que ao longo do tempo encenaram, cantaram, trabalharam, participaram, se emocionaram, vivenciaram ou de alguma outra forma, construíram/constroem a história de um *lócus* das artes em Sergipe. O discurso da então diretora do Atheneu Sergipense, é um “documento/monumento”, na acepção de Le Goff³, um discurso fundador, que podemos interpretar como a certidão de nascimento de um Auditório-Teatro do então Colégio Estadual de Sergipe. Um espaço pensado, *a priori*, para os “Mestres e alunos” da instituição secundária, como também para os “Sergipanos”. Todavia, o espaço, ganhou corpo, alma e contornos distintos ao longo das últimas sete décadas e a vasta coleta de documentos capitaneada por Patrícia

1 NUNES, Maria Thetis. **Discurso de Inauguração do Auditório-Teatro Atheneu**. Diário Oficial de Sergipe. 23 de abril de 1954. Acervo do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES).

2 NUNES, Maria Thetis. **Discurso de Inauguração do Auditório-Teatro Atheneu**. Diário Oficial de Sergipe. 23 de abril de 1954. Acervo do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES). Grifo nosso.

3 LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas: Unicamp, 2003.

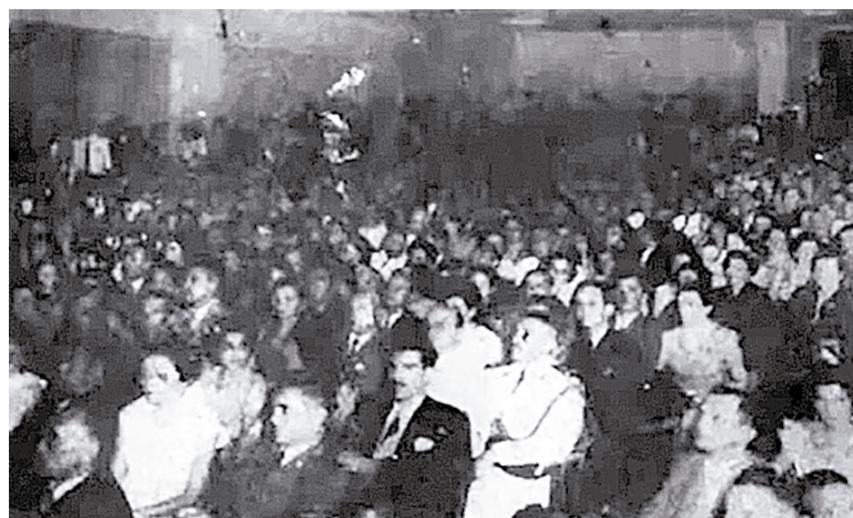
Brunet, nos levou a conhecer aspectos dessas histórias⁴.

Nas páginas a seguir o/a leitor/a encontrará fotografias, notícias publicadas na imprensa, convites, programas de peças, depoimentos, entre outros vestígios do passado, que nos coloca em contato com uma história pouco conhecida das artes brasileiras na segunda metade do século XX e início do XXI, eis uma constatação que os resultados do Projeto “Teatro Atheneu-70 anos”, financiado pela Lei Paulo Gustavo via Fundação de Cultura e Arte Aperipê - FUNCAP/SE, pode chegar. Porém mais do que isso, a pesquisa aponta a vitalidade de questões que esse passado pode suscitar, por meio de estudos que

tomem como objeto o conjunto de sujeitos que fizeram e fazem essas histórias acontecerem. Pensando com Francois Hartog⁵: “Que relações manter com o passado, os passados, é claro, mas também, e fortemente, com o futuro? Sem esquecer o presente ou, inversamente, correndo o risco de ver somente a ele: como, no sentido próprio do termo, o habitar? Que destruir, que conservar, que reconstruir, que construir e como?”.

Indubitavelmente, muitas decisões no âmbito da história do Teatro Atheneu foram mais de destruir do que conversar. Pouco se pensou nos “passados” e muito menos “nos futuros”. Imbuídos de tal compreensão buscamos problematizar as relações com o tempo e bus-

Plateia durante a inauguração.



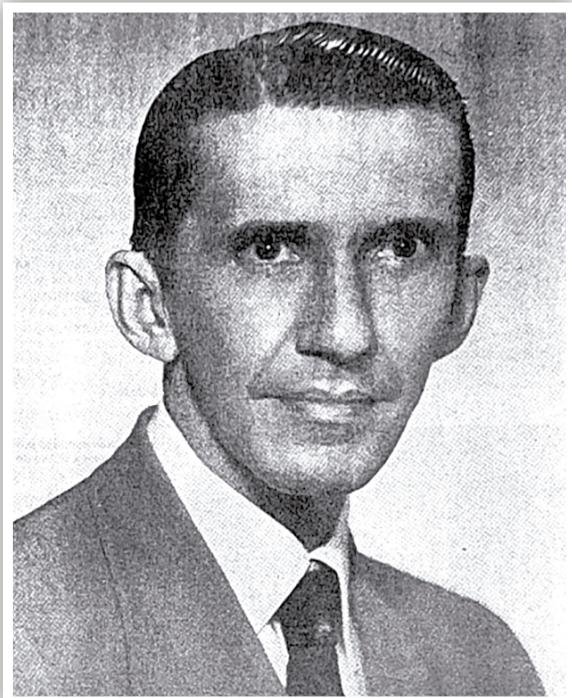
4 O trabalho aqui apresentado constitui-se como um desdobramento da Tese, em desenvolvimento, da atriz e professora Patrícia Brunet, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, sob a minha orientação.

5 HARTOG, Francois. **Tempo e patrimônio**. Varia História. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, 2006.p. 264

car “ver” que passados ainda podemos problematizar. Diante de uma vasto e complexo acervo documental localizado pela iniciativa de Patrícia Brunet, tomamos como base as placas que estão disponíveis nas paredes do Teatro Atheneu para refletirmos acerca de dois primos de suas histórias: de um lado, o processo de construção e reconstrução do espaço, por meio das suas reformas e ampliações; do outro, os nomes de sujeitos ali registrados com o intuito de chegarem a posteridade, suas exaltações, e, consequentemente, podemos problematizar os esquecimentos.

Seguindo uma ordem cronológica, pelas placas expostas, é possível construir a seguinte linha do tempo: data de

1973 a primeira placa com a seguinte informação: “Este auditorium foi construído em 1954 no Governo de Arnaldo Rollemberg Garcez sendo restaurado e instalado ar condicionado no Governo Paulo Barreto de Menezes; no ano de 1984, ocorreu a reinauguração do Teatro Atheneu, sem o nome Auditório, com João Alves Filho no governo do Estado, constando Nicodemos Falcão como secretário de Educação e Cultura, além de Fernando Lins como subsecretário de Cultura e Arte; em 1991 houve uma “Restauração”, no governo de Antônio Carlos Valadares sendo Isaac Eneás Galvão, o diretor, na placa registrou-se: “Muda-se a face do Teatro, mas no foco de luz estarão sempre as emoções do



*Arnaldo Rollemberg
Garcez*

*Fonte: Correio de
Sergipe, 2006*

homem contando sua história"; Já em 1993, tem-se uma nova restauração no governo de João Alves Filho; um ano depois, nos 40 anos do Teatro consta uma placa em homenagem aos "artistas, técnicos e ao público sergipano"; Em 1996 localiza-se uma reforma em conjunto com a ampliação com João Alves Filho e Luiz Antonio Barreto como Secretário de Cultura; Em 2012, no Governo de Marcelo Déda, tem-se mais uma reforma, estando na presidência da República Dilma Rousseff, sendo Eloísa Galdino a Secretaria de Estado da Cultura e Valéria de Abreu Santana de Souza a diretora do Teatro, ou seja, nota-se a presença das mulheres em distintos cargos, inclusive na direção do espaço junto ao Governo de Déda, um ex-aluno do Atheneu Sergipense e um amante das artes.

As placas reforçam a ideia de que o Teatro nasceu como Auditório-Teatro, como consta em 1973: "Auditorium", e, somente depois, passou a ser chamado somente de Teatro, o que pode se visualizar a partir da placa de 1984. Nesse ínterim ocorreu a separação do mesmo como anexo da escola, sendo inclusive fechada uma passagem que dava acesso direto aos estudantes e professores da instituição, como informa Lindolfo Amaral. Pode-se visualizar também as várias mudanças que o Teatro passou,

com iniciativas de distintos governos de diferentes agrupamentos políticos, sobretudo no final do século XX.

No outro prisma, as placas indicam nomes de homenageados (as), ali, também seguindo uma ordem cronológica localizamos: Tonia Carrero além de Marika Gidali e Décio Otero, como também a "Grande dama do Teatro Brasileiro Bibi Ferreira" todas de 1985; a atriz Henriqueta Brieba em 1989; o pianista Miguel Proença e a Orquestra Sinfônica de Sergipe, duplamente homenageada, pois também tem-se uma distinção para a apresentação em virtude do 40º aniversário da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe (SCAS) com o regente Rivaldo Dantas, o pianista Arthur Moreira Lima no bicentenário de Mozart, assim como a Orquestra de Câmara de Moscou, regente Constantine Orlean e pianista Arthur Moreira Lima, todos no ano do 1991; em 1992 o Banco do Brasil foi homenageado pela instalação de novas poltronas no 38º aniversário do Teatro, no mesmo ano tem-se uma placa assim descrita "A Paulo Autran os aplausos do público sergipano"; nos 40 anos do Teatro faz-se uma homenagem a Bosco Seabra "que foi representar noutra dimensão", ali consta também uma placa que homenageia os "Funcionários no 40º aniversário do

6 HARTOG, François. **Tempo e patrimônio**. Varia História. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, 2006. p. 264

Teatro Atheneu”, leiamos seus nomes para quem sabe, *a posteriori*, conhecemos suas histórias:

Cassiano Cotias de Jesus; Denise Maria Melo Franco; Dougival Alves Vasconcelos; Gilberto José Carvalho Filho; Gildo Ferreira Lima; Gilvan dos Santos Bezerra; Ivan Freitas de Oliveira; Jane Marie Pinho Marques, José Firmino dos Santos; José Italo Augusto S. Correia; José Luiz Silva Andrade; Maria Aidê Siqueira Passos; Maria da Glória Silva; Maria de Fátima F. Figueiredo; Maria de Fátima Gomes (In Memoriam); Maria Elena da Silva; Maria Ivanilda Santos Almedia; Mirailton Silva Oliveira; Moisés Teles; Rose Mary Santos Monte; Sônia Maria Fontes Lima; Valéria de Abreu Santana (Placa de Homenagem ao 40º Aniversário do Teatro Atheneu)

São “Josés” e “Marias” que a história tem buscado conhecer, naquilo que precisamos refletir acerca de quais “São decisões e ações que impõem uma relação explícita ao tempo. Quem se cega a tal ponto que não consegue vê-lo?”⁶. Então que nos 71 anos de histórias do Teatro Atheneu possamos “ver” mais acerca da história de apresentações, atores, atrizes, cantores (as), diretores (as), dramaturgos (as), produtores (as), coreógrafos

(as), cenógrafos (as), figurinistas, sonoplastas, contrarregras, maquiadores (as), iluminadores (as), porteiros (as), zeladores (as) e tantos e tantas personagens fundamentais para que o espetáculo aconteça, dentro e fora do palco.

Finalizamos essa breve apresentação, voltando ao início com o discurso de Thetis Nunes que afirmou ser o Auditório-Teatro Atheneu “Uma obra majestosa e de larga finalidade, visível sobretudo no futuro”⁷. Que o futuro reserve mais espetáculos diversos, plurais, por mais pessoas de diferentes grupos e classes nas poltronas e no palco do Teatro Atheneu. Mas, desde já, esperamos que Projetos como os que vocês verão os resultados nas páginas a seguir, contribuam para a preservação e divulgação do Teatro Atheneu como patrimônio cultural de Sergipe, do seu povo, das suas memórias e histórias, contadas, ou ainda, a serem escritas, encenadas e forjadas no imaginário de um Estado que consegue, no presente, tomar “decisões e ações que impõem uma relação explícita ao tempo”, para que assim possamos ver “Uma obra majestosa e de larga finalidade” viva e pulsante cidade de Aracaju.

Vida longa ao Teatro Atheneu e como afirmou Maria Thetis Nunes:

Ele é vosso!

⁷ NUNES, Maria Thetis. **Discurso de Inauguração do Auditório-Teatro Atheneu**. Diário Oficial de Sergipe. 23 de abril de 1954. Acervo do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES). Grifos nossos.

LINHA DO TEMPO

ESTE AUDITORIUM
FOI CONSTRUÍDO EM 1954 NA ADMINISTRAÇÃO
ARNALDO ROLEMBERG GARCEZ
SENDO RESTAURADO E INSTALADO AR CONDICIONADO
NO GOVÉRNO
PAULO BARRETO DE MENEZES
PELA SUDOPA EM 1973

1991

1984

1973

38º ANIVERSÁRIO DO TEATRO ATHENEU
O GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE, ATRAVÉS DA SECRETARIA DE
ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA E DA FUNDAÇÃO ESTADUAL DE
CULTURA, HOMENAGEIA A FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL,
POR OCASIÃO DA INSTALAÇÃO DAS NOVAS POLTRONAS DO
TEATRO ATHENEU, PATROCINADAS POR ESTA CONCEITUADA
INSTITUIÇÃO FINANCEIRA.

GOVERNADOR DO ESTADO
DR. JOÃO ALVES FILHO
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

DR. JOÃO GOMES CARDOSO BARRETO
FUNDAÇÃO ESTADUAL DE CULTURA

PROF. Mº EUGÉNIA FONTES SOUZA TEIXEIRA
ARACAJU, 28 DE MARÇO DE 1992

1992

1996

2012

THETIS NUNES E A MATERIALIZAÇÃO DE UM SONHO: A CONSTRUÇÃO DO AUDITÓRIO – TEATRO DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE

Prof^a Ma. Adriana de Andrade Santos (PPGED/UFS)

Em 02 de junho de 1953, foi emitido pelo governador do Estado, Arnaldo Rollemburg Garcez (1951-1955), o decreto n. 206 que liberava um crediário de dois milhões, oitocentos e um mil cruzeiros (Cr\$ 2.801.000,00), destinados a construção do Auditório do Colégio Estadual de Sergipe. Como noticiado em 21 de março de 1954, no Diário Oficial do Estado, este crédito foi prorrogado por meio do decreto n. 316 de 18 de março do mesmo ano.

Em suma, destacou-se no calendário cultural sergipano, o dia 28 de março de 1954, isso porque, nesta data foi entregue à população, o Auditório-Teatro do Colégio Atheneu Sergipense⁸, espaço destinado a disseminação das artes e da cultura local, nacional e internacional.

Frente do Teatro Atheneu



Fonte: Correio de Sergipe, 2006

O Colégio Atheneu Sergipense, hoje, situado a Praça Gracho Cardoso, no bairro São José, na cidade de Aracaju/SE foi criado por meio do Regulamento Orgânico da Instrução Pública, elaborado pelo Inspetor Geral

⁸ Constam aqui algumas das denominações da mencionada instituição, ao longo do tempo: Atheneu Sergipense (1870), Lyceu Secundário de Sergipe (1881), Escola Normal de Dois Graus (1882), Atheneu Sergipense (1890), Atheneu Pedro II (1925), Atheneu Sergipense (1938), Colégio de Sergipe (1942), Colégio Estadual de Sergipe (1943), Colégio Estadual Atheneu Sergipense (1970) [...] (Alves, 2005b, p. 81-82).

Manuel Luís Azevedo D'Araújo (1838-1883), vindo a ser inaugurado em 24 de outubro de 1870 (Alves, 2005a).

Conhecido por ser a principal casa de educação secundária do estado. Em tempos passados, além de outras denominações, também ocupou outros espaços, como um prédio localizado à Rua da Frente e carinhosamente chamado de Atheneuzinho. Não comportando mais a crescente demanda nas matrículas e em observância ao clamor da sociedade por mais vagas foi construído um novo prédio, entregue a população aracajuana, em 1950, desde, então, funciona ininterruptamente até a contemporaneidade.

Isto posto, assumia nos findos de 1951, as funções de diretor, a professora catedrática Maria Thetis Nunes. Cibia-lhe, pois, a missão de organizar e arrumar os usos dos espaços, bem como, empenhasse na construção de novas alas, partindo daí a edificação do Auditório-Teatro, anexo, ao Colégio Atheneu Sergipense, situado a rua Vila Cristina.

Em *Aracaju Romântica que vi e vivi: anos 40 e 50*, Melins (2000, 2007) atesta que noutros tempos, a capital sergipana era carente de um Teatro. Levando em conta que, o quê, haviam na cidade eram algumas casas de espetáculos,

mais especificamente, cinemas. Para listar alguns: o Guarany, localizado na rua Estância; Vitória e Rex, na rua Itabaianinha; São Francisco, no bairro Santo Antônio; Cine Tupy, na rua de Siriri; o Operário, no bairro Industrial; Cine Rio Branco, na rua João Pessoa; Cine Aracaju, na rua Laranjeiras e Cine Palace, na rua João Pessoa esquina com a Praça Fausto Cardoso. Nestes espaços ocorriam as mais variadas manifestações teatrais, musicais e apresentações de artísticas locais, ou de renomes nacionais e internacionais, a saber: a cantora, Bidu Sayão; os atores: Renato Viana, Procópio Ferreira, Jaime Costa, Raul Roulien; a bailarina, Tatiana Hélène Leskova, o dramaturgo, Joracy Camargo e a atriz Ítala Faustina (Nunes, 2004) que entretinham os enamorados pelas artes da pacata e modesta Aracaju de outrora.

Santos (1999) assevera que a inauguração do Auditório-Teatro do Atheneu Sergipense, foi o ato que mais marcou a gestão de Maria Thetis Nunes (1951-1955). Isto em razão de ser ela delegada pelo governador Arnaldo Rollemburg, para em seu nome, entregar o auditório ao povo sergipano, gesto este que a emocionou profundamente. Para Nunes (2004) o referido espaço revolucionou a vida

O PLANO DE CONSTRUÇÃO DO AUDITÓRIO-TEATRO DO ATHENEU SERGIPENSE FOI APRESENTADO POR ARNALDO GARCEZ

intelectual e artística sergipana, sendo em sua visão, um dos melhores do país, sobretudo pela acústica.

O plano de construção do Auditório-Teatro do Atheneu Sergipense foi apresentado por Arnaldo Garcez, presente na Figura 2, sentado, de terno e gravata em tons escuros ao lado de Maria Thetis Nunes, no ato de entrega daquele que tanto contribuiu e contribui para a cena cultural sergipana. Plano recebido com muito entusiasmo pela Congregação do Atheneu Sergipense.

Certamente a apresentação do corpo de balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro ocorrida naquela noite de março, marcou não somente o público que ocupava todo o espaço disponível, como também, Maria Thetis Nunes e Felte Bezerra que desde os anos de 1951, vislumbravam por este feito.

Dirigido por uma comissão, formada por professores catedráticos do Atheneu Sergipense, a exemplo de Felte Bezerra, Manuel Ribeiro e a própria Thetis Nunes responsáveis por receberem e analisarem os requerimentos daqueles que desejassem fazer uso desta casa, fosse pessoa física ou entidade jurídica. Sendo, assim o veredito final dado por Thetis Nunes, em razão, de ser ela, a diretora da instituição e presidir a comissão (Diário Oficial de Sergipe: Hemeroteca – Recortes de Jornais 1951 à 1957).

Em síntese, cumpre ao projeto “Teatro Atheneu – 70 anos” relembrar para



Thetis Nunes discursando na inauguração do Auditório-Teatro do Atheneu Sergipense

Fonte: Santos (1999).

as novas gerações a contribuição do Auditório-Teatro, entendido pelos amantes das artes como patrimônio do Colégio Atheneu Sergipense, à vida cultural de Sergipe, primordialmente por oferecer condições materiais para que seus habitantes pudessem usufruir grandes momentos de cultura e arte.

Vale ressaltar a luta de Thetis Nunes quando atuava no Conselho de Educação em prol da mudança de nome do Auditório-Teatro. Ato promulgado pelo Secretário de Cultura, José Carlos Teixeira, passando assim a denominasse Auditório Teatro Governador Arnaldo Rollemburg Garcez, como mostra a Figura 3.



*Frente do Teatro Atheneu
após nova denominação
“Gov. Arnaldo Rollemburg
Garcez”*

*Fonte: Correio de Sergipe,
2006*

REFERÊNCIAS

- ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: uma Casa de Educação Literária, examinada segundo os planos de estudos (1870-1908). 2005. 318 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005a.
- ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: traços de uma história. Aracaju: ADGRAF, 2005b.
- ARQUIVO PÚBLICO DE SERGIPE. **Recortes de Jornais do Diário Oficial de Sergipe (1951 a 1957)** – Hemeroteca.
- CORREIO DE SERGIPE, 15 de janeiro de 2006. **O Auditório do Atheneu completa 50 anos.** In: Entrevista concebida por Maria Thetis Nunes, em 28 de abril de 2004.
- MELLINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**: anos 40 e 50. Aracaju: UNIT, 2000.
- _____ **Aracaju romântica que vi e vivi**: anos 40 e 50. 3^a ed. Aracaju: UNIT, 2007.
- SANTOS, Maria Nely. **Professora Thetis**: uma vida. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999.

FLUXO DO TEMPO

O TEATRO ATHENEU EM DÉCADAS

DÉCADA DE 1950

Inauguração do Auditório-Teatro (1954)

Fonte: Santos, 1999



Fonte: Acervo do Teatro Atheneu

BALLET SOCIETY
Dirigida: TATIANA LEŠKOVA
Com a participação dos artistas bailarinos e coreógrafa do
TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

ELENCO:

FEMININO:

- 1 Tatiana Leškova
- 2 Yvonne Meyer
- 3 Dilia Ferreira
- 4 Marcia Haydeé
- 5 Maria Feyer
- 6 Cecília Walnstock
- 7 Inês Litowsky

MASCULINO:

- 1 Arthur Ferreira
- 2 Johnny Franklin
- 3 Aldo Loulo
- 4 Dennis Gray
- 5 Antonio Barros
- 6 Pitagoras Lopez

PIANISTA: Otto Jorden
MAGUNISTA: Carlos Pomarão
DIRETOR RESPONSÁVEL: Luiz Gonzaga Botelho

Fonte: Acervo do ex-integrante Bosco Moraes



DÉCADA DE 1960

Grupo TECES

(Teatro de Estudantes do Colégio Estadual de Sergipe) em cena (1961).

Fonte: Acervo do ex-integrante Bosco Moraes

DÉCADA DE 1970

Grupo Expressionista da UFS

Brefaias



Fonte: Acervo de Aglaé Fontes

ATIVIDADES DO TECES EM 1961

AUTO DA COMPADECIDA

Comédia em 5 atos de Ariano Suassuna

MINHA SOGRA É DA POLÍCIA

Comédia em 3 atos de Gastão Tojeiro

PRÓXIMAS APRESENTAÇÕES :

MARIDO Nº 5

Comédia em 3 atos de Paulo Magalhães

O PAGADOR DE PROMESSAS

Comédia em 3 atos de Dias Gomes

ESTUDANTE

O TECES não é mais um sonho e sim uma realidade. Coopere com ele, porque ele necessita de sua ajuda.

Queremos críticas além de corrigirmos erros e aperfeiçoarmos o teatro sergipano

TEATRO DE ESTUDANTES DO COLEGIO
ESTADUAL DE SERGipe (T. E. C. E. S.)

APRESENTA

MINHA SOGRA É DA POLÍCIA

Comédia em 3 atos

do

Gastão Tojeiro

17 - 11-61

HOJE ÀS 20 HS.

Auditório do Colégio Estadual de Sergipe



DÉCADA DE 1980

**Grupo Argamassa
(1989)**

DÉCADA DE 1990

**Grupo Raízes
A Independência
do Brasil**



DÉCADA DE 2000

**Grupo Ôxente
O Santo e a Porca (2002)**

DÉCADA DE 2010

Isabel Santos
Dicuri Produções
Senhora dos Restos



Fonte: Foto Maria odilia

Fonte: Grupo Boca de Cena



2020

**Grupo Boca
de Cena**
Remundados
(2022)

Aracaju, Sábado, 28/03/1992 - 9

12. TEATRO NOVO



PÁG. 05

/ "O Beijo no

Aracaju, encenação de Nelson Rodrigues

GAZETINHA

ADEUS ANO VELHO E FELIZ TEATRO NOVO



"O Beijo no Asfalto" foi escrita pelo polêmico Nelson Rodrigues em 1960 e encenada, pelo momento, em 1961. Fernanda Montenegro e Oswaldo Loureiro encenaram no elenco. "Beijo no Asfalto" é a primeira peça em que uso palavrão. Passei a usá-la quando as pessoas me perguntavam o que era o que suas prioridades eram. Mas eu pensamento não digo palavrão", foi o que falou Nelson à imprensa, após o impacto que a peça teve no público. O impacto é permanente. A montagem do Pessoal do Cabaré, grupo dirigido por Buza desde 1978 e que vem obtendo prêmios, é a mais significativa do teatro brasileiro, tem surpreendido e extraviado o público do Teatro Gláucio Gil, do Rio de Janeiro.

A peça vem na íntegra, inclusive

com o mesmo sofisticado cenário. Durante os ensaios de "O Beijo", o ator Antonio Grassi procurou o repórter Amado Ribeiro, hoje diretor de redação do Jornal "Povo na Rua" e entrevistou-o sobre a peça. Amado Ribeiro, que era amigo pessoal do dramaturgo e um conhecido repórter policial, respondeu: "Beijo no Asfalto é uma história de violência, de sangue, é a grande cor da vida, né? É o vermelho do sangue".

No elenco do Beijo no Asfalto estão Stenio Garcia, Gilda Guilon, Antonio Grassi, Jorge de Abreu, Andréa Beltrão, Ivan Cândido, Zézé Pollessa, Henrique Cukierman, Alexandre Ferreira, Gilberto Miranda, Fernando Lopé e ainda o Grupo Dancarte, que apresenta pantomima. Depois de tudo isso, quem vai morrer com a boca cheia de despeito?

ANO NOVO E O CÉU

uma manifestação na Praça Olímpica, no Rio, que é a mais bonita do mundo, sem as minhas críticas de funcionários.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

passou e se

reunir com os

amigos que

estão longe.

O mais tradicional,

entre os Aracajus, é fazer o Réveillon

no topo das montanhas.

Na noite de Ano

Novo, é a hora

de se despedir

do ano que

Aracaju, Sábado, 28/03/1992 - 9

JORNAL DA CIDADE

Cultura

Aracaju, Sábado, 28/03/1992 - 9

E hoje, logo mais a noite, a partir das 20 horas, o Teatro Atheneu abre suas portas para reinauguração, depois de uma justa reforma. Na programação oficial temos... às 20 horas lançamento do livro 'Aracaju e outros temas sergipanos' do escritor José Calazans Brandão da Silva. Às 21 horas, o espetáculo Ondrade com Paulo Autran e às 22 horas Lançamento do Edital de Auxílio Montagem para Teatro, descerramento da placa e homenagem ao ator Paulo Autran e a Fundação Banco do Brasil. A gestão Eugênia Teixeira marcando como compromisso o perfil cultural da nossa gente e da nossa história. Marcaremos

presente

o Teatro Atheneu, o espetáculo mais requisitado, esta obediência é rece e conexões, nos para acompanhar o atual desenvolvimento cultural do Sergipe. A delegação foi feita ontem pelo presidente da Fundação Estadual de Cultura, Amaral Calvante, após retornar de Brasília, onde entregou o projeto ao Ministério da Cultura para serem aplicados na estruturação de uma nova casa de espetáculos, como a que já foi posta pela Fundação dentro do "povo cultural", irá sanar definitivamente esta carência

entre as muitas cidades das regiões das 35 mil famílias tendo perdidamente um clonado centro cultural, que é o Teatro Hime, na

é outro como

é o Teatro

obsol

o Teatro

OS IMPRESSOS A FAVOR DA MEMÓRIA DO TEATRO ATHENEU: TEMOS NAS MÃOS PEDAÇOS DO TEMPO

Prof^a Ma. Luana de Jesus Santos (PPGED/UF)

Em meio aos recortes de jornais entra em cena o “velho e tradicional” Teatro Atheneu, palco de um passado glorioso que ecoa nas memórias de artistas, espectadores e idealizadores de projetos que compuseram o espetáculo da história artística de Sergipe. Os impressos para além da funcionalidade de informar sobre os acontecimentos, servem como fonte histórica que pode revelar aspectos de um cenário de embates, conquistas, como também auxiliar na construção de uma narrativa histórica.

No arquivo do Teatro Atheneu, foi localizado uma gama de recortes de jornais datados de diferentes décadas. Os recortes selecionados para serem guardados, revelam espetáculos e personagens, sujeitos no palco e para além dele, pessoas que contribuíram para o desenvolvimento do Teatro Atheneu. A imprensa localizada por meio das pesquisas históricas é uma rica possibilidade de pesquisa. Tem-se então, nesses recortes, a representação de uma parte da sociedade sergipana que frequen-

tava o Teatro, como também dos seus personagens.

A inauguração como Auditório-Teatro do Colégio Estadual de Sergipe consta como um dos destaques dos jornais comerciais e estudantis que circulavam nas ruas, avenidas e pairavam sobre a mão dos leitores como um convite para apreciar a cultura e arte dentro de um espaço idealizado para servir como palco de práticas escolares e culturais. Imagens em preto e branco, mostram na contemporaneidade, a beleza, as figuras e também os bastidores por detrás das coxias. Essas imagens colocavam o leitor como uma “testemunha ocular”, pensando com Peter Burke, despertando o desejo de participação nas peças e espetáculos.

As águas que inundaram a capital do Estado em tempos chuvosos, também adentrou nos espaços da casa de espetáculos, títulos de reportagem como “Problemas”, “teatro obsoleto”, “teatro entregue as moscas”, noticiavam a preocupação dos que lutaram para manter suas cortinas abertas e suas

luzes acesas. Mesmo diante de cenários difíceis o Teatro Atheneu resistiu.

As reformas e reaberturas, também ganharam destaques: “Reabrem-se as portas do Auditório do Atheneu” e “Reforma do Teatro Atheneu está quase pronta”. Frases que agitavam o cenário cultural da Capital sergipana. Ali tinha-se grande festas e espetáculos que enchiam os olhos de todos que integravam a comunidade cultural, sentidos esses que conseguimos visualizar nos discursos proferidos, nas placas fixadas e no relato de personagens, captados por meio de suas memórias.

A maioria desses “pedaços do tempo” são datados da década de 1980 e 1990, algum contrarregra, que não fica exposto aos holofotes guardou cada pedaço de jornal que faz menção ao Teatro. Sua materialidade, nos leva a imaginar qual seria a cor dos figurinos, onde

estava escrito e a quem interessava determinadas pautas colocando o leitor como parte dessa narrativa. Era necessário mostrar e comunicar a sociedade os movimentos da cultura e da arte.

A funcionalidade dos impressos, como no caso, desses “pedaços do tempo” é de dar indícios de uma história, como Carlo Ginzburg nos ensina, para contribuir com a escrita da História é necessário seguir os sinais. Assim, podemos perceber o significado da imprensa e dos impressos que favorecem a memória. Pedaços de papel que contam histórias que resultam em uma narrativa ladeada de brilhos, sons e luzes. Por meio dos impressos podemos sentir e ouvir o ecoar dos aplausos, ver aqueles que estiveram no palco, nas coxias, nas tribunas e arquibancadas.

Vida longa ao Teatro Atheneu, salvaguardai os impressos para preservar a memória e a cultura de um povo.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. São Paulo: Editora Unesp, 2017
- CHARTIER, Roger. **A História Cultura – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL e Bertand Brasil, 1990
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DEPOIMENTOS

A importância do Teatro Atheneu para os artistas e agentes culturais de Sergipe.

Fotos – Fonte: Acervo pessoal



**AGLAÉ D'ÁVILA FONTES
(PRESIDENTE DO IHGSE)**

No palco do Atheneu apresentamos muitas peças, mas também tivemos muito sofrimento com a censura durante a ditadura militar. Mas eu gosto de uma coisa no teatro, eu gosto do cheiro do teatro... Quando chego no teatro me encanto primeiro com aquele cheiro que só o Teatro Atheneu tem... Esse lugar que a gente chegava com os nossos apetrechos para mostrar alguma coisa emocionante, algo em prol da beleza que a arte pode produzir! Uma pessoa que deve ser lembrada nesses 70 anos é a figura de Jesus! Um verdadeiro guardião do Teatro Atheneu! Ele perguntava: “Cadê o plano de luz?” Muita gente não fazia plano de luz para na hora inventar “moda”. Até hoje, até hoje! E olha que eu às vezes colocava 80 crianças em cena e nunca tive problema com Jesus! Eu só tenho lembranças boas das peças, das pessoas que aplaudiam, das mães dos meus alunos vendo os filhos tocando, se apresentando...



**LINDOLFO AMARAL
(GRUPO IMBUAÇÃO)**

O Teatro Atheneu foi fundamental na formação da minha vida artística. Lembro quando estudei no Colégio Atheneu, lá pude assistir a vários espetáculos internacionais e nacionais. Lembro muito bem do ballet do Senegal e do ballet de Ceylão que vieram à Sergipe, graças à SCAS. Um espetáculo que marcou a minha vida até hoje foi “Esperando Godot”, um elenco maravilhoso, sob direção de Antunes Filho, no elenco estavam a notável Eva Wilma, além de Lélia Abramo e Lílian Lemmertz... Um espetáculo que as imagens ainda hoje repercutem em minha memória, e elas são muito fortes porque o elenco era primoroso! Na verdade, eu comecei a fazer teatro graças ao Colégio Estadual Atheneu Sergipense e ao Teatro Atheneu porque repercutia muito em mim tudo aquilo que eu via no palco do teatro. Lembro do Professor Leônidas, que não foi o meu professor, foi o professor dos meus irmãos, e aí eu terminei participando de um exercício com um fragmento de um texto de Dias Gomes, intitulado “O Santo Inquérito”, isso começou a reverberar na minha cabeça e propiciar o desejo de fazer teatro, inicialmente de forma amadora, e depois profissionalmente.



**ANA KELLY MELO
(GRUPO BOCA DE CENA)**

O Teatro Atheneu tem um valor histórico enorme e para nós do Grupo Teatral Boca De Cena, é sempre uma honra subir nesse palco tão especial que carrega tanta história e significado, ele é muito mais que um teatro, um símbolo da cultura, ponto de encontro para todos aqueles que valorizam as artes em suas diferentes formas.

Lembro muito bem o primeiro dia que pisei no Teatro Atheneu, assisti ao meu primeiro espetáculo de teatro, a cortina vermelho rubi, um cheiro de guardado misterioso, meu coração acelerado feito cavalo livre no meio do mato, a cortina abre eu sou tomada pela maior certeza da minha vida: eu quero estar do outro lado dessa cortina. O Teatro Atheneu é o coração do teatro sergipano, representa a minha memória mais viva e a que não esqueço toda vez que penso em pensar em desistir.



**DIANE VELOSO
(GRUPO CAIXA CÊNICA)**



MAICYRA LEÃO
(ARTISTA E PROFESSORA
DO DEPARTAMENTO
DE TEATRO – UFS)

Ter um Atheneu como vizinho não é para qualquer um. Reconheço-o não apenas pela plateia ou pelo palco, mas pelas esquinas, pelo pé de manjelim, pela porta de serviço que abre e fecha. Foi o primeiro palco que pisei. Mas, como bons vizinhos, convivemos para além do horário marcado, fofocando a fio nos finais de semana desérticos do bairro São José e nos dias de semana agitados pelos ônibus escolares. É na sua praça que faço piqueniques com as crianças. E foi nele, quintal estendido do Teatro Arquibanca, que Leão e “Prefeito” iniciaram uma geração. Foi ali também que Arlequins de mármore foram compartilhados, momento em que me descobri amante do teatro. E foi ali também para onde regressei como profissional das artes. Hoje, convido discípulos a conhecer esse vizinho. Sigo acenando para ele da janela do meu quarto, ao mesmo tempo em que assobio votos de dias melhores.



SHIRLEY PACHECO
(PSICÓLOGA E DISCENTE DO
CURSO DE TEATRO – UFS)

Como estudante do curso de Teatro da Universidade Federal de Sergipe, reconheço o valor simbólico e formativo desse espaço, que ao longo dos anos tem acolhido artistas, estudantes e amantes das artes cênicas, promovendo o acesso à cultura e incentivando o desenvolvimento artístico local. Para além de seu valor institucional, o Atheneu tem também um significado pessoal muito especial para mim, pois tive a alegria de ver minha filha se apresentar em seu palco em diversas ocasiões, vivenciando a emoção e a grandeza de um espaço que inspira gerações.



EULER LOPES
DRAMATURGA
(GRUPO A TUA LONA)

O Teatro Atheneu tem uma importância para toda a classe e também para a sociedade. Embora sempre estejamos pautando a dificuldade que nós artistas temos de acessar a pauta, e de ver que a maioria das pautas desse aparelho são destinadas à produções de fora, o Teatro Atheneu continua sendo um lugar mágico. O meu grupo A Tua Lona esteve em duas comemorações do Teatro, não vou me recordar agora, mas um ano com a cena Agonia e Gozo, e em outro ano com o espetáculo Ela esteve aqui. Esse ano fizemos o Festival de Cenas Curtas Denys Leão no mês de maio, e no dia 19 vamos estrear o nosso próximo infantil “Para onde voam os pássaros”. Enquanto plateia também vi coisas incríveis como o espetáculo Oxigênio que marcou minha vida. Espero que o Teatro Atheneu continue marcando a vida dos artistas sergipanos e que seja ocupado mais vezes por ele.



ISAAC GALVÃO
(ARTISTA E
AGENTE CULTURAL)

O Teatro Atheneu foi a possibilidade dos meus primeiros voos, dos primeiros sonhos e primeiras descobertas no palco. Lembro do Atheneu numa época que apenas o “Seu Valter” cuidava de tudo. Palco, luz, som, limpeza, administração, segurança. Era uma pessoa que multiplicava e carregava todos com ele, na vontade, no amor... o Teatro Atheneu será sempre o palco da minha história.

Os Artistas Sergipanos, como também a população do nosso Estado, sempre tiveram um carinho muito especial pelo espaço do Teatro Atheneu. Mesmo tendo sido construído como um auditório para as atividades do colégio Atheneu Sergipense, seu destino estava traçado para ser o nosso GRANDIOSO PALCO SAGRADO, considerado até hoje e sempre A Casa do Artista Sergipano. Nas minhas boas e carinhosas memórias, tenho sempre a dedicação dos técnicos e funcionários, como também a alegria dos Artistas Sergipanos quando conseguiam uma data (na concorrida pauta) para apresentar seus espetáculos.



JORGE LINS
(GRUPO RAÍZES)



**DENYS LEÃO
(DIRETOR E
ILUMINADOR TEATRAL)**

Final da década de 60, entre 12 e 13 anos, entrei pela primeira vez no Auditório do Colégio Estadual de Sergipe, hoje Teatro Atheneu, para assistir a peça o Negrinho do Pastoreio. No início dos anos 70, já como estudante do CEAS, (Colégio Estadual Atheneu Sergipense), hoje Centro de Excelência Atheneu Sergipense, tive a oportunidade de conhecer o palco, ao assistir os ensaios de uma peça sobre Santos Dumont, dirigida pela professora Neli. O tempo foi guardando essas lembranças à medida em que fui vendo o Auditório do Colégio se transformar na Casa de Espetáculos da cidade, onde artistas nacionais e internacionais contribuíram para consolidar o nome do Teatro Atheneu.

MEMORIAL DO TEATRO SERGIPANO

Prof^a Ma. Marília Marques Cruz Silva Accioly (PPGED/UFS)

Fotos - Fonte: Marília Marques Cruz Silva Accioly

Em entrevista com Grazzy Coutinho, em 06 de agosto de 2025, fizemos alguns questionamentos sobre o Memorial do Teatro Sergipano. O Memorial do Atheneu surgiu da seguinte forma: com a reforma do Teatro Lourival Baptista, no final de 2019 e início de 2020, houve a necessidade de desmontar o Memorial que lá se encontrava. Tudo foi embalado e levado para um dos camarins do Teatro Tobias Barreto - TTB. Com a pandemia, todo o material continuou guardado no TTB.



No início de 2022, por ter permanecido todo esse tempo fechado, ela recebe a notícia que o local onde o material estava armazenado estava com cupim. Dessa forma, houve uma busca para transferir esse material para outro local. Foi quando ela descobriu que a antiga cafeteria do Teatro Atheneu estava desocupada. Houve muita resistência e eles só conseguiram montar o Memorial em outubro/novembro desse ano, em razão, também, por ser ano eleitoral.

Com ajuda da então arquiteta da Funcap, Acácia Mendonça, fizeram a expografia do Memorial, pois o espaço era muito limitado. Algumas peças, que não couberam nesse espaço, estão guardadas em um tipo de depósito apropriado. A ideia é que, quando finalizar a reforma do Lourival, o Memorial volte para lá.



Segundo Grazzy Coutinho, “enquanto não dermos importância para as artes cênicas, como um todo, vamos continuar à margem para o nosso Estado, já que não estamos à margem para o Brasil. Para o Brasil, temos diversos grupos reconhecidos. Mas, para Sergipe, para a população sergipana, esses grupos são desconhecidos, por mais que sejam feitos festivais, vilas, ainda é pouco para atingir a população”.



Grazzy Coutinho





O acervo está catalogado, mas não está disponível para o público. Como o espaço é provisório, a ideia, futuramente, é criar um catálogo on-line, organizado por categorias, para que todos tenham acesso.

Fonte: Divulgação



Atualmente, o Memorial fica aberto para visitação do público, contando com cartazes de espetáculos teatrais que estiveram nos palcos sergipanos, quadros com biografias de artistas sergipanos e alguns itens cenográficos de peças teatrais.



EQUIPE TÉCNICA DO PROJETO "TEATRO ATHENEU – 70 ANOS"

Fotos – Fonte: Acervo pessoal



**PATRICIA BRUNET
(COORDENAÇÃO)**

Doutoranda em Educação - PPGED/UFS, sob Orientação do Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira, dentro da linha de pesquisa “História da Educação”; Mestra em Culturas Populares, através do Programa Interdisciplinar em Culturas Populares PPGCULT/UFS (2021) através da linha de pesquisa “Artes populares: processos analíticos, pedagógicos e criativos”. Graduada em Licenciatura em Teatro, pela Universidade Federal de Sergipe - UFS (2011). É Docente da rede Estadual de Ensino de Sergipe (SEED), atuando como Supervisora de PIBID - TEATRO (UFS). Compõe o quadro de Professores da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (ARTE), no sistema SESI/SE. É membro do Grupo Teatral Boca de Cena, com experiência nas áreas de interpretação, Figurino, Produção Cultural e Coordenação Pedagógica em Projetos Sociais. É membro dos grupos de pesquisa Arte, Diversidade e Contemporaneidade - ARDICO/CNPq/UFS e História da Educação: sujeitos, patrimônio e práticas educativas - HESCOLAR - CNPq/UFS



**JOÃO PAULO GAMA OLIVEIRA
CORIENTAÇÃO**

Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe com atuação no Departamento de Educação (DEDI) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED). Doutor e Mestre em Educação, graduado em História Licenciatura pela UFS. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Estadual

Paulista - Júlio de Mesquita Filho, com Bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (2021-2022). Coordena o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS). Avaliador do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) em cinco edições. Possui experiência na educação básica como professor de História da rede pública estadual de ensino de Sergipe e do Instituto Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisas Relicário (DEDI/UFS/CNPq) e HEDUCA (PPGH/UFPel). Líder do Grupo de Pesquisa História da Educação: sujeitos, patrimônio e práticas educativas - HESCOLAR (UFS/CNPq). É membro da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Academia de Letras de Aracaju ocupando a cadeira do historiador Silvério Leite Fontes. Pesquisa, principalmente, nos seguintes temas: História da Educação; Intelectuais Sergipanos; História do Ensino Secundário; História do Ensino Superior; Profissão Docente, Patrimônio educativo e História do Ensino de História.



ADRIANA DE
ANDRADE SANTOS

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (2017) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2021). Membro do Grupo de Pesquisa História da Educação: sujeitos, patrimônio e práticas educativas (HESCOLAR/UFS/CNPq/UFS) e do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre História do Ensino Superior (GREPHES/CNPq/UFS). Atualmente é doutoranda em Educação pela UFS, tendo como orientador o Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira. Professora de educação infantil, bem como de Jovens e Adultos pela Secretaria Municipal da Educação de Aracaju. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em trajetórias de vida, atuando principalmente nos seguintes temas: Maria Théxis Nunes; Educação Especial e Inclusiva; História da Educação.



LUANA DE
JESUS SANTOS

Doutoranda em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Educação PPGED/UFS atuando em pesquisas na área de História da Educação com foco nos Jornais estudantis no final do século XIX. Bolsista CAPES (2022-2024). Graduada em Pedagogia pelo Departamento de Educação do Campus Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe (2020). Foi bolsista de iniciação científica (CNPq/UFS) entre os anos de 2017 e 2019 atuando nos seguintes projetos: A educação primária em Itabaiana na primeira metade do século XX e A educação primária nas escolas isoladas de Itabaiana/SE (1888-1935). Integrante do Grupo de Pesquisa HESCOLAR - História da Educação: sujeitos, patrimônio e práticas educativas (UFS/CNPq). Fui Formadora Municipal do Programa Alfabetizar pra valer -SEDUC- Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura- Município de Campo do Brito. (2020-2022). Colaboradora no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (UFS/SEDUC) (2022-atual)



**MARILIA MARQUES
CRUZ SILVA ACCIOLY**

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), na linha de pesquisa História da Educação. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pós-graduada em Direito Previdenciário, pela Universidade Anhanguera/SP. Graduada em Turismo pela Universidade Tiradentes (UNIT). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduada em Direito pela Universidade de Guarulhos (UnG). Foi aluna de Iniciação Científica com o projeto intitulado: Memória e História: o turismo e a preservação do patrimônio histórico em Sergipe. É membro do Grupo de Pesquisa História da Educação: sujeitos, patrimônio e práticas educativas (HESCOLAR/UFS/CNPq). Integrante da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Membro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). É membro da Academia Maruinense de Letras e Artes (AMLA).

Fonte: Divulgação





EDITORIA ARTNER

editoraartner@gmail.com

(79) 99131-7653 (WhatsApp)

Papel da capa: Supremo 250g

Papel do miolo: Couchê Fosco 115g

Formato: 20,5 x 28,5 cm

Fonts: Cambria, Alone on Hearth e Encode Sans